

A BUSCA PELA IDENTIDADE EM A COR DA TERNURA DE GENI GUIMARÃES

Gabriela da Paz Araújo
(Universidade Estadual da Paraíba/PPGLI/CAPES)
Rosilda Alves Bezerra
(Orientadora/Universidade Estadual da Paraíba/PPGLI)

Resumo

Torna-se essencial observar o quanto a literatura afro-brasileira é importante para a compreensão do processo histórico que envolveu e continua envolvendo a construção da identidade dos brasileiros, caracterizando-se como uma literatura denúncia, por retratar as marcas da opressão e exclusão sofridas pela população afrodescendente. Partindo da compreensão dos estudos pós-coloniais objetivamos a análise da obra *A Cor da Ternura* de Geni Guimarães, tendo em vista, a reflexão sobre questões étnicas e de gênero, como ponte para a construção da consciência de si, feita pela personagem ao longo da narrativa, servindo como elemento estruturador para a formação de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra, Consciência, Identidade.

A proposta deste trabalho está pautada na análise da construção identitária negra com ênfase nas questões de gênero que permeiam as relações de resistência da mulher negra em meio ao processo de afirmação e construção de sua identidade, representado pela personagem Geni. A obra *A cor da ternura* é pertencente à literatura negro-brasileira, assim como denomina Cuti, literatura esta que vem ganhando muito espaço no cenário nacional por meio de escritores afrodescendentes, que em seus textos buscam proporcionar voz a uma população que foi silenciada por muito tempo. A narrativa desenvolve a voz daqueles que viveram situações desrespeitosas, mas hoje não tem medo em falar o que passaram. Nesse sentido, Cuti afirma:

A par do surgimento da personagem negra em livros de autores brancos ou mestiços, mediada pelo distanciamento, a produção de autores negros segue sua trajetória de identidade e de consolidação gradativa de uma alteridade no ponto de emanção do discurso (2010, p. 33).

Tomando como base a ideia de Cuti é notável que quando os escritores são negros os desígnios indenitários tornam-se mais evidentes, devido à representação de forma mais íntima da vivência negra, proporcionando melhores condições de entendimento e compreensão da sua condição, essas literaturas buscam a quebra dos preconceitos formulados por estereótipos equivocados, que não traduzem a vivência do indivíduo ou de determinado grupo. Segundo Esmeralda Negrão e Regina Pinto (1990, p.18):

É justamente esta contradição de um lado, uma representação estereotipada de certas categorias étnico-raciais ou sua omissão e, de outro, uma preocupação em passar uma mensagem de igualdade, de respeito às diferenças _ que permite segundo alguns estudiosos, desvendar o papel que a literatura infantil representa e a própria concepção de criança que a subsidia.

A análise da obra *A cor da ternura* possibilita a compreensão da busca da afirmação identitária negra a partir da superação dos preconceitos, que surgem com empecilho pessoal da personagem, que mesmo sofrendo com a inferiorização em diferentes ambientes “por serem tecidos à margem dos personagens brancos” (OLIVEIRA, 2003, p.03), consegue superar essas limitações na busca pela realização de seus sonhos, assim como no caso de Geni.

Narrado em primeira pessoa pela narradora personagem Geni, conta as suas próprias memórias desde sua infância até a fase adulta. O início da narrativa traz a descrição do momento de carinho de Geni na infância enquanto está mamando, sendo acarinhada pela mãe.

Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava. Ela aproveitava o tempo, catando piolhos da minha cabeça e, ou trançando-me os cabelos (GUIMARÃES, 1998, p. 09).

Por ser até então a caçula, Geni recebia toda a atenção e, podia alimentar-se do leite materno quando bem deseja-se, no entanto, sua mãe começou a esquivar-se de a amamentar por estar novamente grávida, passando este a ser um problema para a protagonista, que a princípio não consegue entender o porquê de não poder se alimentar com o leite da mãe.

- Cecília – dizia ela -, traga a garapa da menina.
Outras vezes, era só eu botar a mão no decote do seu vestido, vinha a saída: uma bolacha caseira, uma goiaba, uma laranja ou qualquer outra guloseima para me tapear (GUIMARÃES, 1998, p.12).

A nova alimentação não a deixa feliz, então faz protestos para entender o que está acontecendo, sua irmã conta que sua mãe está esperando um bebê e por isso ela não mais vai poder tomar o leite da mãe. O processo de gravidez deixa Geni preocupada com sua mãe, como podemos ver no trecho abaixo:

- A mãe não está doente, bobinha. Lembra que a Cecília te contou que ela tinha encomendado nenê? Então. Ele está guardado na barriga dela, por isso que a mãe está gordona. Você não está dormindo comigo? Pois é pra não machucar o nenê (GUIMARÃES, 1998, p.17).

Com o nascimento de seu novo irmão a protagonista enfrenta comentários negativos das mulheres que vinham visitar sua mãe:

Eu nem ligava para elas. Ficava sentada num degrau da escava na porta da sala, indiferente. Mas elas tinham sempre alguma coisa para me dizer. “Chi!!! Perdeu o colo”, diziam umas. “Vou levar ele pra mim”, diziam outras.
“Que enfie no...” pensava eu. Logo me arrependia e fazia o sinal-da-cruz (GUIMARÃES, 1998, p.17).

A narrativa vai sendo construída conforme o crescimento e amadurecimento de Geni, deixando de ser, portanto uma menina chorona, apegada aos animais. O novo passo é a ida para a escola, lugar onde lhe surge muitas ideias e, diferentes emoções, como o desejo em beijar o rosto da professora, assim o fez, no entanto, a reação da professora não foi a esperada, pois ela não gostou.

Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo! Não havia tempo para dúvidas. Só faltava eu.
Levantei-me depressa, ergui os pés e encostei os lábios no rosto da mestra. Dei dois passos em direção a porta, esbarrei na mesa, enrosquei o cadarço da alpargata no pé da cadeira. Abaixei para me livrar do enroscado e olhei para trás.
Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto (GUIMARÃES, 1998, p.55).

Durante a narrativa as ações de racismo e preconceito culminam, desde os xingamentos de crianças da mesma idade até a reação da professora de não gostar do beijo recebido. Adjetivos pejorativos também aparecem na narrativa, a exemplo, podemos citar a cena em que Geni está junto com seus colegas para brincar, por não cumprir o acordo estabelecido entre eles com relação ao uso do balanço, as crianças se revoltam e começam a ofendê-la com palavras agressivas: “ladrona”, “boneca de piche”, “cabelo de bombom”. Tais acontecimentos fazem parte do crescimento da personagem que durante infância não aceita a cor de sua pele como no trecho abaixo:

- Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?
- Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo. Sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - Você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p.10).

No entanto, esta não é a única situação de negação de sua cor, no conto metamorfose que está inserido em *A cor da ternura*, o leitor choca-se ao se deparar com a personagem

tentando remover o negro da pele, com pó advindo da trituração de tijolos, que eram usados para limpar os utensílios.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

Este trecho apresenta uma autonegação, segundo Antonio Risério: “o negro, numa sociedade escravista (ou “apenas” discriminatória), é uma fábrica de defesas psicológicas” (1993, p. 78). No momento em que Geni tentava tirar a sua cor, buscava remover aquilo que lhe inferiorizava, que a fazia sentir-se diferente. Tanto o questionamento a respeito se a chuva poderia lhe tirar a cor, como a tentativa de remoção esfregando o pó dos tijolos, são momentos importantes para a construção da consciência de si e da sua cor, possibilitando na personagem a aceitação, mesmo em meio a essas ações contra a sua identidade.

(...) o negro, apesar de imerso em condições sócio-econômicas e políticas adversas, logrou preservar, reelaborar e sustentar sua cultura e desdobrar a herança africana (...). Assim é que foi possível ao negro, coletiva e individualmente falando, recriar e restabelecer, no Brasil, sua identidade humana (FRANCISCO, 2006, p. 143).

Um dos objetivos presentes na narrativa é alertar o leitor sobre as questões étnico-raciais presentes no país, já que a personagem principal está em contato a partir de suas vivências com o sistema social discriminador e explorador. No entanto, outro ponto ganha bastante destaque na obra, o desenvolvimento cognitivo e emocional da personagem que vai superando os apelidos depreciativos, momentos de intensa autorejeição, a partir de sua característica de ser sempre uma menina sonhadora, como forma de luta e resistência de uma menina pobre e negra. Nesse sentido, Francisco (2006, p.144) afirma que,

(...) implica reconhecer a existência da cultura negra e, por isso, compreender as ações e o sentido das ações do negro brasileiro, na construção de sua identidade, afirmação política e resistência que o revelam como sujeito social e histórico.

O ambiente no qual a família está situada, não é apresentado como um lugar de extrema pobreza, o leitor conclui apenas que a casa era simples. O pai é o chefe da família e

trabalha para sustentá-la. A mãe também possui uma rotina de trabalho, mas não é escravizada, sua beleza é enaltecida pela filha, como podemos observar no trecho abaixo:

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la.
O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha.
Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.
Eu baixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe” (GUIMARÃES, 1998, p. 13).

A experiência da protagonista na escola compreende dois momentos, o primeiro é quando Geni é aluna, o segundo quando torna-se professora. As expectativas de ingresso na escola são muitos, mas questionamentos também permeiam seus pensamentos, como o que pode lhe acontecer se por acaso for à escola mal arrumada, sua mãe então responde:

- Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu ela.
- Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...
- Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase (GUIMARÃES, 1998, p. 48).

Na escola, Geni sente novamente a discriminação quando seu poema não é escolhido, justamente por ser a mãozinha negra em meio às mãozinhas brancas de seus colegas. Além disso, lhe entristece saber em meio às aulas, que sempre os homenageados eram os brancos, enquanto os negros e índios eram raças dignas de compaixão e desprezo.

E ela foi discursando por uns quinze minutos.
Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.
Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

Com relação à atitude da professora é perceptível o seu despreparo para lidar com questões relativas à diversidade. A personagem sentiu um grande ressentimento, por ser considerada como digna de compaixão, por ser pertencente a uma classe inferior, pois nada foi feito na fala da professora em favor da emancipação do personagem negro, que segundo a visão exposta na aula, o negro não contribuiu em nada com a formação identitária do povo brasileiro e mantendo a imagem de eterno coitado. Sobre essa temática, citamos Munanga que chamou de poética de avestruz, atitudes assim como a da professora de Geni.

[os professores] sentem pena dos “coitadinhos” em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral (MUNANGA, 2001, p.8).

No entanto, outra situação de desrespeito à diferença é praticada com Geni pela professora, podemos observar no fragmento a seguir:

- Porque você não fez?
Dei um pulo na carteira. Meu coração começou a bater na garganta.
- Explique, vamos! – gritava ela. – Olhe aqui o dele. – Pegou o caderno de um menino que estava sentado na carteira ao lado e colocou na minha cara, diante dos meus olhos. – Tudo certinho. Só você não fez, por quê? (GUIMARÃES, 1998, p. 54).

A tradição oral é valorizada na obra de Geni Guimarães, quando apresenta como personagem à senhora Nhá Rosária, esta que era uma velha negra, contadora de histórias. A autora não aguça um olhar crítico sobre essa personagem, apenas ressalta que a mesma não conhece sua origem, mora com uma família de fazendeiros, sua condição na família é apresenta-se como de escravizada. Sua figura representa o cansaço e o desprezo, pois é colocada em uma cama improvisada no chão, pois adormece ao contar suas histórias.

A verdade é que, quando a Vó Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias.
Foi assim que naquele dia, quando vó Rosária sentou-se, quase empurrada pela garotada, minha mãe apressou meu penteado para nos juntarmos aos outros para poder ouvi-la.
Chegamos quando ela dizia:
- ... e só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantava. Também bebida teve a rodo, pra quem gostasse e quisesse (GUIMARÃES, 1998, p. 49).

A primeira menstruação marca a passagem da pré-adolescência para a vida adulta, nessa fase as travessuras de menina terão que ficar para trás, pois a menina virou mulher e deve comportar-se como tal. No entanto, a personagem estranha às mudanças e vai conversar com sua mãe para entender o que está acontecendo: “ - Mãe, nasceu um carocinho aqui. Será que é cabeça-de-prego? Todo dia dá umas pontadinhas...”(GUIMARÃES, 1998, p.76). As mudanças representam para Geni alguma doença, isso a deixa perturbada, como podemos observar no fragmento abaixo:

Já pertinho de casa, senti alguma coisa escorrendo entre as coxas. “Acho que estou com a urina solta” pensei.

Parei e entrei no canavial para ver. Ergui a saia e deparei com minha calcinha, minhas pernas ensanguentadas.
Fiquei apavorada. Que seria aquilo, meu Deus? Por que saía tanto sangue de dentro de mim, sem mais nem menos?
Não tive dúvidas. Dessa vez era doença gravíssima, sem possibilidade nenhuma de cura.
Saí correndo. Queria voar para chegar o mais rápido possível.
(...)
- Você virou mulher, besta. Pra todo mundo é assim. Eu, a Arminda, a Iraci, a Maria, a Cecília, até a Cema passamos por isso. É assim mesmo que acontece (GUIMARÃES, 1998, p. 78 - 79).

A personagem em estudo sentiu dificuldades em fazer-se reconhecer, porém não foi motivo de desistência, pois luta para encontrar um lugar para si na sociedade, quebrando e superando preconceitos que aparecem em sua caminhada em busca de sua identidade. Um grande passo para a sua afirmação acontece com o apoio de seu pai, quando promete a ele que será professora. A jornada até alcançar o seu objetivo não é fácil, pois opiniões como a do administrador da fazenda em que o pai de Geni trabalhava, tinha a intenção de a fazer desistir “estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...” (GUIMARÃES, 1998, p.73), mas o pai de Geni soube responder a tamanha ignorância “ – É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. – É pra ela mesmo” (GUIMARÃES, 1998, p.73).

A identidade de Geni vai sendo firmada em meio à superação dos preconceitos e especialmente a partir do desejo de realizar o sonho de ser professora e de proporcionar felicidade ao pai com a concretização desse sonho. Na colação de grau toda a família esteve presente para presenciar a solenidade, muito eufóricos transbordavam de felicidade ao verem a filha recebendo o certificado, deixando seu pai tão orgulhoso, que coloca embaixo do travesseiro o certificado para ter sonhos bonitos.

Com sua obstinação e força para superar o preconceito que lhe cercava, Geni consegue situar-se em meio a uma sociedade preconceituosa, enfrentando provas e diversos desafios, para firmasse em sua profissão, como podemos observar no fragmento abaixo:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, supreei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência” (GUIMARÃES, 1998, p. 87).

É notório, que a questão de gênero representa mais um obstáculo a ser vencido, pois a mulher embora as suas constantes lutas, ainda tentam superar a sociedade carregada de preconceitos. No entanto, a personagem Geni firma sua identidade quando decide torna-se

professora, mostrando que a mulher negra tem valor e, é capaz de superar as barreiras que são empecilho para sua afirmação na sociedade.

A obra analisada é de característica autobiográfica, na qual a autora relata fatos que ocorreram em sua vida, trazendo questões relativas ao preconceito e a discriminação que tivera de enfrentar por conta da cor de sua pele.

Referências

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FRANCISCO, Dalmir. *Comunicação, Identidade Cultural e Racismo*. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Geni Mariano. *A cor da ternura*. Ilustrações Saritah Barbosa. – 9. Ed., São Paulo: FTD, 1994.

MUNANGA, Kabengele (org) *Superando o racismo na escola*. 3. ed. Brasília: Mec, 2001.

NEGRÃO, Esmeralda V. e PINTO, Regina P. *De olho no preconceito: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/FCC-Departamento de Políticas Educacionais/ DPE, 1990.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto juvenis brasileiras: 1979 – 1989*. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento da UNEB, Salvador, 2003.